



## **“Manda-nos aos porcos”: religião e subalternidade na história em quadrinhos “Lavagem”**

*“Send us among the pigs”: religion and subalternity in the comic book “Lavagem”*

**Gustavo Soldati Reis**<sup>119</sup>  
*Universidade do Estado do Pará*

**Resumo:** O presente texto realiza uma análise da História em Quadrinhos (HQ) “Lavagem”, publicada em 2015, pelo artista brasileiro Shiko. Basicamente a HQ narra situações de violência doméstica vividas por uma jovem mulher em contexto de profundas induções religiosas evangélicas. Inspirado nas categorias de subalternidade e decolonialidade em G. Spivak e F. Vergès, o artigo problematiza o lugar da religião na produção de práticas de subalternização na produção de alteridades através do silenciamento e do controle dos corpos femininos, além da potencialização de medos e delírios, na representação imagética da história em quadrinhos. Por fim, o texto procura contribuir para que os estudos de religião aproximem-se da linguagem das produções culturais e artísticas visuais como forma de contribuição para novos campos de investigação.

**Palavras-chave:** Religião. Evangélicos. Subalternidade. Lavagem (História em Quadrinhos).

**Abstract:** This text aims at analyzing the comic book “Lavagem”, published in 2015, by the brazilian artist Shiko. The comic book shows situations of domestic violence experienced by a young woman in a context basically of inductions due to evangelical religious. Inspired by the categories of subalternity and decoloniality in G. Spivak and F. Vergès, the article problematizes, through a bibliographic methodology, the place of religion in the production of subalternization practices in the production of otherness through the silencing and control of female bodies, in addition to enhancing fears and delusions, in the imagery representation of the comic book. Finally, the text seeks to contribute to religion studies approaching the language of cultural and visual artistic productions as a way of contributing to new fields of investigation.

**Keywords:** Religion. Evangelicals. Subalternity. Lavagem (Comic Book).

---

<sup>119</sup> Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo / UMESP. Professor Adjunto I da Universidade do Estado do Pará / UEPA. Atua no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais. É um dos líderes do Grupo de Pesquisa MICEA – Movimentos, Instituições e Culturas Evangélicas na Amazônia e do ARTEMI – Arte, Religião e Memória, onde coordena a Linha de Pesquisa “Religião e Quadrinhos”. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena (PPGEEI/UEPA). E-mail: [gustavo.reis@uepa.br](mailto:gustavo.reis@uepa.br).

## Introdução

A arte do bem-estar é, desse modo, uma contradição. A arte tem de poder causar estranhamento, perturbar, transtornar, sim, também doer. Ela se encontra *em outro lugar*. Ela está em casa no estrangeiro.

Byung-Chul Han, *Sociedade Paliativa*

Esse texto é fruto, originalmente, de uma comunicação acadêmica apresentada, de forma *online*, no Grupo de Trabalho “Religião e Cultura Audiovisual” no V Congresso Nacional de Ciência da Religião (V CONACIR), da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Minas Gerais<sup>120</sup>. Justifico a construção do objeto de pesquisa, o que contribui para deixar mais claro alguns objetivos, da seguinte forma: primeiro, reconhecer que as Histórias em Quadrinhos (HQs), enquanto linguagem artística, são legítimas produtoras de processos culturais, ora ao reforçar representações sociais hegemônicas, notadamente fruto de processos (neo)coloniais, ora ao criticar e resistir a essas mesmas representações (VERGUEIRO, 2017, p. 12ss). Segundo, enquanto linguagem, as HQs são ambientes de produção de sentido que transversalizam com outras linguagens, notadamente do mundo das artes. Conforme diz D. Barbieri (2017, p. 18), linguagens não são meros instrumentos, mas meio-ambientes que habitamos e nos habitam. Assim, nas HQs podemos perceber o quanto a religião está representada posto que, enquanto uma linguagem própria, a religião intersecciona-se com o mundo das artes. Se a Ciência e/ou Ciências da Religião tem dialogado, cada vez mais, com estudos de cultura visual (HIGUET, 2012, p. 69ss), os Quadrinhos, como arte específica, ainda tem lugar diminuto nesse diálogo, destinado mais a outras formas de arte como pinturas, esculturas, música, cinema e literatura.

As HQs, em seus mais diferentes gêneros, são amplamente produzidas, reproduzidas, consumidas e ressignificadas no contexto brasileiro. Se a área de Ciência(s) da(s) Religião(ões) tem um amplo capital científico de análise do campo religioso brasileiro, importa olhar com mais atenção para a presença de uma linguagem presente na construção desse campo, no caso, as artes quadrinísticas. Para esse objetivo tenta contribuir este texto em caráter ensaístico, mas que procura semear algumas hipóteses e provocações para pesquisas de aprofundamento posteriores. Por fim, não sem motivo, a HQ aqui cotejada é produção de um artista brasileiro e toca em certa faceta do imaginário religioso nacional. Longe de ser alvo de leituras preconceituosas e apressadas que reduzem as HQs a meras histórias infantis e juvenis que alienam as “massas”, a eleição dessa HQ, além de valorizar a arte brasileira, é um belo exemplo do que falamos anteriormente, ou seja, de como HQs são uma linguagem artística que relê, criticamente, construções de dominação e processos de subalternização tendo, como caminho para esses processos, a religião.

---

<sup>120</sup> Após ser publicado como trabalho completo nos Anais do referido evento, aqui o texto segue ampliado em suas seções temáticas e desenvolvimento argumentativo.

Ainda dentro dessas questões introdutórias, de que trata mais especificamente este texto? O objeto de análise é a História em Quadrinhos *Lavagem*, do artista brasileiro Shiko. *Lavagem* narra a história de uma jovem mulher religiosa, possivelmente evangélica, que mora com seu “companheiro” – um criador de porcos – em um pequeno casebre sobre palafitas, em uma pequena cidade fictícia no litoral do nordeste brasileiro. O roteiro e desenho de Shiko, ao usar cores em preto e branco, são riquíssimos: duro e incisivo ao mesclar as personagens com a força do ambiente; o artista paraibano constrói várias camadas metanarrativas onde realidade e imaginação, medo e delírio formam um campo simbólico em torno do que pode ser nomeado, hipoteticamente, por “práticas de subalternidade”. Assim, como problemática central, em que medida os discursos religiosos representados na HQ constroem processos culturais que controlam o corpo social, principalmente o feminino, em nome de poderes heterônomos (na HQ, os discursos em nome de Deus feitos hegemonicamente por homens) que relegam a outra pessoa (a mulher) a um circuito desumano e violento, a uma “lavagem”? O texto pretende contribuir, a partir de estudos de cultura visual em Ciências da Religião (HIGUET, 2012; 2015) na interface com estudos decoloniais (VERGÈS, 2020), para o diálogo mais profícuo com as HQs enquanto linguagem artística escrita e de predominância do visual (desenhos). Portanto, sigamos para o desenvolvimento do texto.

### **1 A linguagem da HQ “Lavagem” em seu percurso sógnico**

Francisco José Souto Leite, o Shiko, nascido em Patos, na Paraíba, em 1976, é um quadrinista, grafiteiro, roteirista, diretor de curta-metragens e ilustrador. Possui diversas HQs publicadas, tais como “O Azul indiferente do Céu” (2015, Ed. Mino), “Talvez seja mentira” (2015, Edição independente) e duas de suas duas *Graphic Novels* mais recentes: “Três Buracos” (2019, Ed. Mino) e “Carniça e a Blindagem Mística”: Volume I – “É bonito o meu punhal” (2020); Volume II – “A tutela do oculto” (2021) e o Volume III – “A morte anda no mundo” (2023), estes volumes como trabalho independente<sup>121</sup>. Ainda que tenha lançado algumas de suas principais obras por selos editoriais já consagrados no mercado como, por exemplo, a *Graphic Novel* “Piteco – Ingá” (2005), pela MSP – Maurício de Souza Produções, notabilizou-se por uma carreira na cena independente como pode ser depreendido de obras citadas anteriormente. A HQ, objeto de construção analítica nesse texto, trata-se de “Lavagem” que é, originalmente, um Curta-Metragem produzido e dirigido pelo próprio Shiko em 2011. O curta teve a influência de um outro curta-metragem apresentado como Introdução ao filme “Um Homem Sério” (2009), dos cineastas Joel e Ethan Coen. A HQ “Lavagem” foi lançada em 2015 pela Editora Mino.

---

<sup>121</sup> De acordo com o site “Vitralizado”, em notícia de 2023, há a produção, em andamento, de um quarto e último volume ainda sem data de lançamento. [online].



Figura 1: Capa da *Graphic Novel* “Lavagem”<sup>122</sup>

Shiko foi influenciado, dentre outros, pelos quadrinhos de terror de Mozart Couto<sup>123</sup> e os experimentalismos entre regionalismo, ficção científica e cultura pop do artista pernambucano Watson Portela<sup>124</sup> em uma espécie de dialética entre o local/regional e o global nas HQs. De forma muito sucinta, o roteiro de “Lavagem” aborda o protagonismo de uma jovem mulher que vive com um homem em uma casa muito simples, de palafitas, circundada pelo que parece ser um manguezal. Frequentadora de uma Igreja, a mulher ressent-se da maior presença afetiva e companheira de Omar, o homem com quem ela vive e que, segundo ela, “(...) só fala com os porcos” (SHIKO, 2015), em alusão à atividade do marido como criador de uma vara de porcos. Em uma noite o casal recebe a visita de um pregador do Evangelho, possivelmente um pastor, alguém que a mulher qualifica como “(...) um homem de Deus [...] abençoado” (SHIKO, 2015). A partir daí as várias camadas narrativas visuais entremeiam a fala do pastor à da mulher, além de entremeadas à fala do pregador de um culto evangélico, em um programa televisivo que a mulher assistia, sobre a importância da família e do casamento, em representações da realidade fática e imaginária, sob certa postura impassível do marido. A narrativa culmina, motivada pela fala das pregações e por tempos a fio de violências domésticas, no assassinato do homem chamado Omar por sua jovem companheira que, ao cabo e ao fim, esquarteja-o e lança-o como lavagem aos porcos. A leitora e o leitor são convidados, a todo o momento, a decidirem se a personagem vive caminhos de fato ou se tudo é um caminho de catarse imaginária. Ou as duas coisas.

Os enquadramentos fechados, estilo “janela”, reforçam a ideia de “opressão” vivida pela personagem na sequência dos requadros de cada página da HQ. O roteiro

---

<sup>122</sup> Fonte: SHIKO. *Lavagem*. São Paulo: Mino, 2015.

<sup>123</sup> Trata-se do artista mineiro, ilustrador e quadrinista, Mozart Cunha do Couto (Juiz de Fora, 1958-).

<sup>124</sup> Watson Barroso Portela, quadrinista. (Recife, 1950-).



pede quadros e sarjetas específicas. As ênfases na onomatopeia e no plano das personagens - ao mesmo tempo fechado e expansivo – contribui para dar a ideia de som e movimento, de gravidade das situações de violência representadas. É importante destacar que a HQ, de certa forma, inspira-se na linguagem artística do cinema que lhe deu origem (o curta-metragem mencionado)<sup>125</sup>. Cada elemento do desenho de Shiko deve ser considerado, para a análise e interpretação, como elementos signícos de produção de sentido e significação, por exemplo, a maneira como os quadros e requadros são “dissolvidos” no todo da página, com o uso do preto e branco, borrões, fontes tipográficas diferentes, um desenho menos “arte finalizado” e mais bruto, “rústico”, “feroz”, com ênfase nas gestualidades e expressões faciais (inclusive dos porcos), mas sem desconsiderar a ambientação (a casa e o chiqueiro) como “personagens”, conforme pode ser depreendido na figura 2. Essas características são significativas porque, conforme afirmado, constituem-se em signos que performam a narrativa visual da HQ em questão. O gênero que o próprio autor define “Lavagem” é o de *terror*. Veja o que ele próprio afirma: “Então não tenho a pretensão que as pessoas se assustem com o Lavagem, mas se eu conseguir tensionar a leitura, acho que cheguei no resultado máximo que poderia”<sup>126</sup>. É possível acrescentar a essa dimensão do horror, da violência, uma dimensão *trágica/poética*. Seria um *thriller* de terror psicológico que faz uma severa crítica social? É uma pergunta plausível diante da estrutura narrativa do roteiro.



Figura 2: Páginas da HQ que mostram a ambientação e o trânsito das personagens – a mulher, Omar e os porcos no *devoir-lavagem*<sup>127</sup>

<sup>125</sup> “Lavagem” (2011). Produção: Drica Soares e Bruno de Sales pela Cooperative Filmes a Granel. Argumento e Roteiro: Shiko e Bruno de Sales. Direção: Shiko. [online].

<sup>126</sup> Em entrevista ao portal “Vitralizado”. [online].

<sup>127</sup> Fonte: Shiko. *Lavagem*. São Paulo: Mino, 2015.

Após essa aproximação inicial ao ambiente narrativo da HQ passemos à próxima seção do texto de como as relações entre mulheres e religião são representadas nesse contexto de produção artística específico.

## **2 Representações sobre a “religião evangélica” em *Lavagem* e o problema da violência contra a mulher**

Na História em Quadrinhos a Igreja frequentada pela jovem mulher não é explicitamente nomeada. Todavia, ao comparar uma cena do curta-metragem com a HQ, ambas mostram um programa televisivo claramente evangélico. A figura 03 mostra a cena do referido programa, no minuto 5’03’’ do curta: trata-se de um culto religioso, ministrado pelo pastor evangélico Silas Malafaia, da ADVEC – Assembleia de Deus “Vitória em Cristo” ao pregar sobre a importância do casamento e da indissolubilidade da família tradicional. Esta cena é representada, na história em quadrinhos, na figura 04, por exemplo. A jovem mulher, fazendo o jantar, enquanto o marido entra em casa. Os dois quadros mostram balões que remetem ao som da TV ligada. Os textos “Deus quer que a gente se case!” e “Eu tenho **CERTEZA** que você quer casar” mostram, justamente, o culto religioso que “captura” a atenção da mulher até que a TV saia do ar, como pode ser percebido em outras páginas da HQ. Além disso, umas das personagens principais da HQ é o “homem de Deus”, possivelmente um pregador evangélico que, no meio da noite, aparece na casa do casal para pregar a “Palavra de Deus”, o qual é recebido com muita atenção e interesse por parte da “irmã”, a jovem mulher. Assim, pode-se hipotetizar que a realidade mais próxima ficcionalizada é de, pelo menos, uma Igreja de recorte evangélica de tradição mais pentecostal.



Figura 3: Cena do curta-metragem “Lavagem” onde o pastor Silas Malafaia aparece pregando aos fiéis em um culto com transmissão televisiva<sup>128</sup>.

<sup>128</sup> Fonte: Disponível, online, no site “Vitralizado”.



Figura 4: Página da HQ onde a mulher prepara o jantar assistindo o culto religioso na TV<sup>129</sup>.

Na história em quadrinhos “Lavagem” o discurso religioso é representado a partir da afirmação de hegemonias masculinas pois, claro, trata-se de construções ficcionais que recriam, artisticamente, por verossimilhança, a realidade estruturalmente machista do país, calcada no patriarcado. Na HQ, o discurso evangélico produz-se e se reproduz efetivamente pela linguagem áudio-imagética (televisiva), pela linguagem musical (os louvores), pela linguagem da pregação oral (seja do pastor da televisão, seja da visita do pregador) e pela leitura do texto escrito da Bíblia. Ou seja, atores sociais masculinos demandam o controle sobre o discurso religioso, os detentores da “palavra de Deus”. Em um primeiro momento a mulher é, portanto, muito mais receptora/controlada por essa palavra masculina divina/humana.

Outra característica é a ênfase na dimensão mais afetiva, do desejo e do êxtase que domina as cenas ditas religiosas. A relação, também, dessas Igrejas com o já mencionado discurso sobre a família, o casamento e o controle sobre os corpos, notadamente os femininos, está presente na representação dessas Igrejas e discursividades evangélicas. Não sem motivo a ligação com a cena de sexo praticada pela mulher que, na construção da imagética narrativa da HQ, coloca o leitor e a leitora no limiar entre realidade factual e imaginação, ou seja, desejos femininos reprimidos por homens “divinizados” que controlam a satisfação desses mesmos desejos. Mas o fato é que há uma relação, repito, entre a religião evangélica como controladora dos corpos femininos, o que equivale a dizer sob o controle masculino uma vez que essas Igrejas, em seus cargos de poder, são ainda ocupadas, hegemonicamente, por homens. Pelo menos essa é uma maneira de me colocar dentro de uma experiência de recepção crítica do texto da HQ, de como vejo a HQ representando o “mundo do texto”

<sup>129</sup> Fonte: Shiko. *Lavagem*. São Paulo: Mino, 2015.



evangélico. Voltarei a esse tema do desejo e controle dos corpos femininos na próxima seção.

A adesão evangélica dessa mulher não é compartilhada por seu companheiro. É possível mencionar que a violência sofrida por ela – tanto física, psicológica, verbal e simbólica ao longo de toda a narrativa quadrinística - não parece estar exclusivamente associada à sua pertença religiosa. Possivelmente a adesão a uma Igreja foi, justamente, para “suportar” e ganhar legitimidade, na ordem do discurso, a violência sofrida previamente na relação com o companheiro. A HQ sugere que a relação entre os dois iniciou-se no contexto de prostituição vivida pela mãe da jovem de onde foi retirada/”salva” pelo homem. Assim, a religião representada entra em cena em um espaço doméstico já construído pela violência prévia. De toda forma, mesmo evangélica, a mulher continua sofrendo a violência perpetrada por seu companheiro homem. Agora, a religião é representada de forma ambígua na HQ: reforça a dominação masculina (o pastor é o agente da palavra para a mulher, como já dito) e, ao mesmo tempo, a palavra de morte supostamente libertaria a mulher da opressão do companheiro, uma vez que no centro da peça ficcional há camadas narrativas que se entrecruzam para reforçar as ambiguidades afirmadas anteriormente: ao mesmo tempo que produz vida, a religião evangélica o faz por um discurso de morte violenta (figura 05).



Figura 5: Página da HQ onde o pregador insiste com a mulher, sob a ordem de Deus, que ela deve matar o companheiro antes que ele a mate<sup>130</sup>.

O tema da relação entre violência doméstica que vitimiza mulheres quando essas mesmas se declaram pertencentes a alguma comunidade religiosa evangélica, tem sido objeto de pesquisa no contexto brasileiro. É possível que o artista Shiko esteja atento a isso quando da composição, tanto do curta-metragem quanto da HQ. De forma mais geral, para se ter uma ideia, de acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, no ano de 2021 uma mulher, a cada 7 (sete) horas, foi vítima de feminicídio no Brasil. Além disso, também em 2021, “(...) uma menina ou mulher foi vítima de estupro a cada 10 minutos, considerando apenas os dados que chegaram até as

---

<sup>130</sup> Fonte: Shiko. *Lavagem*. São Paulo: Mino, 2015.



autoridades policiais”<sup>131</sup>. No que diz respeito a mulheres evangélicas, de acordo com a pesquisadora Valéria Vilhena, os números são alarmantes: cerca de 40% de mulheres que sofrem algum tipo de violência doméstica, em geral perpetrada por um familiar próximo (marido, namorado, padrasto...), declaram pertença a algum segmento religioso evangélico. É claro que a religião, por si só, não causa essa estrutura de violência no país, mas é uma variável importante a ser considerada, principalmente porque o número de evangélicos e evangélicas têm crescido no país nas últimas décadas: 22,2% se declararam evangélicos, dentre os quais 60% de origem pentecostal, no último senso do IBGE em 2010<sup>132</sup>. De volta ao tema da violência em relação a mulheres evangélicas, Vilhena afirma (2009, p. 135):

Ao compreendermos o caráter paradoxal da teologia evangélica, pois seu discurso de libertação não liberta as mulheres da opressão e da violência doméstica, antes reforça seus papéis de submissão à vontade masculina – um paradoxo de amor e dor – culturalmente construídos.

De acordo com outra pesquisadora, Simony dos Anjos (2021),

No contexto evangélico, no qual a família tradicional e a ideia de que casamentos devem ser mantidos a qualquer custo são amplamente defendidas, as marcas da violência doméstica são silenciadas e apagadas (...) O poder atribuído ao marido, tido na religião como o cabeça e o sacerdote do lar, faz com a violência contra a mulher possa ser justificada pelo simples fato de ela não ser uma esposa virtuosa. (...) Esta violência não se demonstra apenas de forma física ou sexual: temos as violências psicológicas, patrimoniais, morais, dentre outras. E isso faz com que mulheres se sintam envergonhadas de admitir que estão em relacionamentos abusivos – Em um imaginário religioso evangélico, isto significa falhar diante da missão divina que lhes cabe.<sup>133</sup>

Certamente que não cabe, aqui, reduzir as narrativas da HQ à citação anterior. Mas essa citação chama a atenção para alguns aspectos que a história em quadrinhos narra e que ajuda a compor o cenário mais amplo das representações sobre a religião evangélica. Vejamos: a jovem mulher assiste um programa evangélico, um culto, que reforça o papel do casamento tradicional entre um homem e uma mulher segundo os desígnios divinos. Shiko coloca a figura de Omar como o homem que retirou a jovem

---

<sup>131</sup> BUENO, Samira (Coord.) *Violência contra as mulheres em 2021*. Fórum Brasileiro de Segurança Pública, p. 8.

<sup>132</sup> [online]. Ainda é aguardado o resultado mais atualizado do Censo 2022 do IBGE para a religião. De acordo com reportagem da Folha de São Paulo, baseado em pesquisas do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, nas duas últimas décadas, até 2021, o número de templos evangélicos no país aumentou em 228%. Segundo a pesquisa, principalmente as igrejas neopentecostais de menor porte, situadas em diferentes bairros das cidades brasileiras, contribuíram significativamente para esse crescimento. [online].

<sup>133</sup> Cf. Reportagem na Revista Carta Capital de 30 de novembro de 2022 intitulada “Igrejas evangélicas e a violência doméstica, um tema urgente”. [online].

mulher de um caminho difícil, com grandes chances de sucumbir à prostituição seguida pela mãe. Omar se torna um companheiro hostil, ainda que violento a mulher com silêncios, o que é uma forma de violência psicológica, além dos abusos morais. Não há dúvida que aliena patrimonialmente a companheira. Embora “sustente-a”, o faz para manter a submissão dela e ela, potencializada pela religião, imagina a possibilidade de mudança dela (daí frequentar a igreja) e, principalmente, do companheiro. Em um lar onde Omar está cada vez mais distante e só dá atenção aos porcos, a jovem mulher parece, ao ser totalmente seduzida e envolvida pela “palavra de Deus” e seus homens, aspirar e se sentir acolhida por aqueles que falam e, portanto, em alguma medida, a “reconhecem”. Essa religião evangélica do “reconhecimento”, na forma de certo proselitismo, que dá a entender que o papel da mulher é, também, uma conversão a Deus e à submissão ao marido – a jovem, como “mãe”, cuida dos afazeres domésticos e do companheiro, mas não é cuidada por ninguém. Na narrativa quadrinística a religião ocupa, também de forma violenta, essa lacuna de desejos e afetos e reforça, subjetivamente que, se a jovem “falhar” na construção da imagem de “mulher virtuosa”, só restará a solução última: sob os designios divinos, melhor do que morrer nas mãos de um marido iníquo, pecador, é matar esse homem em nome de Deus. A partir dessas representações, passemos aos próximos itens do artigo onde analiso mais detidamente algumas dessas representações.

### **3 Religião e práticas de subalternidade**

Para os propósitos deste texto, assumo a noção de subalternidade como categoria de análise a partir de considerações feitas por G. Spivak e também das elaborações acerca da categoria de decolonialismo feminista proposta por F. Vergès.

É importante estabelecer que imagens – no caso, os desenhos das HQs – são signos que fundam linguagens de *tradução* e representações de conflitos culturais e sociais. A questão da subalternidade – que não é um termo, segundo Spivak, para denotar qualquer sujeito/indivíduo marginalizado –, é que o “subalterno”, enquanto termo para denotar todo um processo coletivo político e cultural, é silenciado. Não são somente corpos pessoais e, sim, corpos sociais. O subalterno, para Spivak, fala. Porém, o problema é que não é ouvido. Nesse sentido, pelo menos dessa perspectiva dos estudos decoloniais e de subalternidade, a arte quadrinística “não quer dar voz” aos processos subalternos e aos atores sociais que os compoem e são representados.

No caso específico de “Lavagem”, tomemos a jovem mulher como protagonista da narrativa, ainda que seja uma narrativa construída por um artista na sua condição em torno do gênero masculino. O problema da representação – no duplo sentido de assumir um lugar outro e de prefigurar uma performance – é reposicionado na mediação: eis a característica da tradução mencionada no início do parágrafo anterior para me referir às imagens/desenhos. O subalterno é, para Spivak, destituído de qualquer possibilidade de agenciamento: ele é representado pelas estruturas hegemônicas. Mas não basta isso. As mesmas estruturas hegemônicas de poder – como a religião cristã protagonizada pelo masculino, por exemplo – elaboram mecanismos que impedem o subalterno de criar e agenciar suas próprias formas de representação – de ideias e ações/comportamentos. É nesse sentido que ele “não pode falar” (SPIVAK, 2010). Ao voltar à HQ podemos problematizar: Em que medida a mulher fala

ou, como subalternizada, não pode falar? Quem fala por ela? A religião? E o que essa representação religiosa “fala” na narrativa visual da imagética quadrinística? Seria a atitude da mulher, ainda que violenta - pois ao fim da narrativa ela assassina o companheiro -, um percurso de liberdade que a retira, em alguma medida, da subalternidade? Nesse caso, ela conseguiria algum poder de agenciamento? Como essas questões são representadas na HQ em questão? São várias perguntas. Não tenho a pretensão e a capacidade de respondê-las todas nesse texto. Mas são referências importantes para o percurso crítico que faço a seguir, a partir dos quais proponho algumas hipóteses.

### *Representações do silenciamento como práticas de subalternidade*

Eis o papel da personagem da jovem mulher nas palavras do próprio Shiko:

No *Lavagem* a personagem mulher da história vai muito por aí, ela é uma personagem feminina oprimida em uma realidade masculina e ela vai em busca de uma redenção, de uma libertação. O caminho que ela vai pra isso não é simples, né? (risos) Não é óbvio, ela não tem um discurso feminista, mas ela tem um impulso de libertação desse mundo em que vive.<sup>134</sup>



**Figura 6:** A mulher representa o marido como a não-relação na conversa com o pregador, o “homem de Deus”<sup>135</sup>.

<sup>134</sup> Em entrevista ao portal “Vitralizado”. [online].

<sup>135</sup> Fonte: Shiko. *Lavagem*. São Paulo: Mino, 2015.

A partir da citação anterior em referência ao próprio artista, não é fácil a construção de uma personagem “feminista”. Primeiro, porque trata-se de um autor/artista homem que, certamente, foi criado em uma estrutura patriarcal e machista. Segundo, porque foge ao escopo desse texto investigar o nível de experiência do autor de reelaborações de suas vivências para tomar mais consciência dessa estrutura machista que nos forma, inclusive possíveis experiências com os discursos e práticas feministas. De toda forma, Shiko procura imprimir na personagem certa autonomia a partir de uma lógica da ambiguidade: a mulher luta pela liberdade ainda que, para isso, lance mão da violência, porém, assimétrica, uma vez que há uma relação de subalternidade já afirmada.

Para tanto, observemos a figura 06 acima. Ela mostra os três personagens (Omar, a mulher e o “homem de Deus”) sentados à mesa do jantar. Vejamos a ambiguidade desta mulher na narrativa quadrinística: ao mesmo tempo que ela fala, inclusive ao exercer críticas ao “não falar” do marido (a jovem diz, no segundo quadro da página: “(...) esse aí só fala com os porco. Nem comigo ele fala”), por outro lado ela é produzida como subalterna uma vez que, reduzida a um sistema de opressão que a objetifica no sentido da despersonalização - ao contrário do companheiro, ela nunca é nomeada na HQ com nome próprio, exceto como “puta” e “rapariga” -, resta-lhe o silenciamento o que, em termos de subalternidade, significa ser “reduzida a uma categoria monolítica e indiferenciada quando, na realidade, todo sujeito é “irredutivelmente heterogêneo” (SPIVAK, 2010, p. 11). Em um primeiro momento, ainda que a jovem mulher exerça sua fala como forma de censurar a má educação de Omar em relação ao pregador que os visitava, a fala dela precisa passar pela determinação e controle discursivo dos homens na narrativa: o pregador e o “companheiro”. Em um segundo momento, para reforçar as ambiguidades das relações, a mulher parece sentir-se “validada” pela presença do homem de Deus para expor suas queixas em relação a Omar, queixas essas que passam pelo afastamento físico e afetivo do “companheiro” em relação a ela. No terceiro e quarto quadro da figura 06 ela afirma: “Tem mais de uma semana que ele não fala nada. Fica aí pelos canto falando com os bicho”. De certa forma a narrativa emula a realidade de solidão de mulheres vítima de violência em seus próprios lares – o silêncio e afastamento afetivo do companheiro que “prefere” a companhia dos “bicho” (os porcos). Além disso, preferir a companhia dos porcos pode representar a invisibilização das mulheres, consideradas menos que animais que vivem na “sujeira”/lavagem. Nesse sentido, à medida que o pregador vai lendo a Bíblia e convencendo a mulher que ela deveria matar o seu companheiro em antecipação a uma legítima defesa, a mulher é produzida como uma lacuna, um ser esvaziado que precisa ser “preenchida” por uma palavra outra, ou seja, a religião hegemônica subalterniza a mulher, ainda que com o argumento da proteção à vida, torna a mulher inferior (“sub”) diante de um outro (“alter”) superior – a palavra de Deus operacionalizada por um homem.

#### *O (Des)controle do corpo feminino como crítica a uma religião subalternizadora*

O lugar da religião enquanto vetor de práticas de subalternização e, portanto, de afirmações hegemônicas do patriarcado, pode ser analisada nessa HQ em outros aspectos como o controle dos corpos femininos, conforme havia dito, no Item 1, que



voltaria a esse tema. De fato, a mulher é representada na narrativa, muitas vezes, na expressão corporal que transita entre a desconfiança, o medo e o desejo, naquilo que F. Vergès chama de “status de pessoa supérflua” ou *corpos-húmus* que alimenta – na linguagem da HQ, *corpo-lavagem* – o sistema simbólico de escravização capitalista (VERGÈS, 2020, p. 20). F. Vergès se refere, principalmente, às mulheres negras e racializadas no contexto europeu (principalmente a realidade francófona). No caso da HQ, estamos a falar de homens e mulheres subalternizados no contexto ficcionalizado de pobreza do nordeste brasileiro, onde conta a história. Mas ambos os contextos se encontram, cada um a seu modo, na estrutura colonialista. Todos os agentes religiosos na HQ, tanto o pastor que aparece a pregar no programa televisivo quanto o pregador evangélico que chega à casa do casal, são homens que instauram poderes heterônomos, masculinizados e heteronormativos em nome de Deus. Se compararmos, mais uma vez, com o curta-metragem que inspirou a HQ, quando a cena mostra o pastor Silas Malafaia pregando sobre o casamento, ele afirma: “(...) eu queria deixar bem claro aqui que eu não estou preocupado com o conceito cultural acerca do papel do homem e da mulher” (SHIKO, 2011, minuto 5’28’’). Certamente esse “conceito cultural” cria supostas relativizações inaceitáveis para o discurso evangélico que normatiza e sacraliza a superioridade masculina sobre o feminino: esta pertence ao mundo do devir, da lavagem. Aquela ao mundo verdadeiro, puro, divino. Essa metafísica sustentou e sustenta grande parte da mentalidade colonialista onde a realidade evangélica majoritária construiu e constroi sua história. E um dos efeitos dessa história colonialista é, justamente, o domínio sobre os corpos e desejos das mulheres por parte dos homens.

Nesse sentido, a HQ performa a expressão dos desejos da mulher em algumas cenas marcantes: durante atos sexuais praticados (imaginados?) por ela e durante a audição do pregador na mesa da casa. A performance sexual – cis-hétero, no caso -, é emblemática na HQ: Omar desconfia que a jovem mulher mantém relações “extraconjugais” (embora somos levados a entender que ambos não eram formalmente casados, daí o interesse da mulher em ouvir pregações sobre casamento) e a repreende por isso, ao mesmo tempo que a reprime/silencia em todo momento, mesmo que fale pouco na HQ. Ignora-a. Prefere, como diz a mulher, a companhia dos porcos: “Ele – Omar – não gosta de mim. Só gosta de porco” (SHIKO, 2015), diz a mulher para o pregador.

A figura 07, abaixo, mostra a mulher replicando para o “homem de Deus”, à mesa, as cenas do programa pastoral televisivo. Nesse momento, o artista Shiko dá à mulher uma performance sutilmente erotizada: ainda que subalternizada pelas palavras e performances do pastor televisivo (e, depois, pelo homem de Deus em sua casa), ela tateia/caminha pelo seu próprio corpo, ao transformar o discurso religioso em vetor para o desejo, o *eros*: Ela afirma: “parece até Deus passando a mão em mim” (SHIKO, 2015) ao comentar os efeitos de afeto da palavra religiosa ministrada por três homens: o pastor da TV, o pregador diante de si e, porque não dizer, a expressão masculina do próprio Deus. Esta expressão “parece até Deus passando a mão em mim...” tem uma força analítica e ambigua grande. Por um lado, pode evocar certa dimensão mística da religião onde o afeto/desejo produz mais sentido, na relação com o sagrado, do que a pura racionalidade. Michel de Certeau (2015) em seus estudos

clássicos sobre mística, fala dessa experiência como de uma erótica do corpo/Deus. Para este autor, a mística é o nome que traduz uma linguagem/experiência paradoxal: é a linguagem do excesso porque reconhece uma falta. Quanto mais Deus é construído como uma ausência/falta, mais ele é desejado e esse desejo é traduzido em um excesso de representações que não cabem na mediação da palavra escrita. Daí, muito da experiência mística ser traduzida pela comunhão do corpo, pela gestualidade/performatividade corporal onde pessoas sentem Deus “à flor da pele”. Talvez a jovem mulher da HQ, tendo afetos reprimidos e negados pelo poder masculino, represente Deus como a catarse necessária para a manifestação de seus desejos, de sua erótica.

Por outro lado, não é conveniente reduzir a representação quadrinística a impulsos individuais. Trata-se de representar processos sociais e políticos mais amplos: a política de dominação dos corpos femininos pela religião, nesse caso. As tradições evangélicas, em geral, e o discurso pentecostal, em particular, sacralizam o suposto respeito ao corpo, propriedade divina, mas à custa da negação radical de expressões de desejos fundamentais. Basta mencionar os dispositivos de crenças e institucionais/eclesiásticos de interdição de práticas sexuais antes do casamento. Isso impacta ainda mais nos corpos e desejos das mulheres porque o casamento não somente legitima o sexo mas, também, legitima a continuidade do domínio do homem/marido sobre o corpo da mulher que lhe pertence. Se o “passar a mão” na HQ pode indicar uma representação de autonomia daquela jovem mulher frente ao seu corpo negado e violentado pelo “companheiro”, afinal, se sinto o próprio Deus tocando em mim, esse toque, por sua vez, não pode ser desconsiderado do lastro histórico colonial onde o “passar a mão” traduz um terrível campo simbólico de violentação dos corpos femininos: sempre se trata, na estrutura patriarcal, da mão de um homem operado pelo vetor religioso e de outros vetores... F. Vergès fala no “desgaste dos corpos” femininos, principalmente a fadiga dos corpos racializados (2020, p. 125ss). Vergès não fala especificamente da religião. Mas me sinto provocado pela teoria a pensar em como a religião evangélica hegemônica desgasta os corpos femininos sob certas interpretações bíblicas da submissão da mulher, seu virtuosismo no cuidado (maternal) com todo mundo (leia-se: homens), menos com ela própria, o trabalho doméstico na sociedade capitalista que, muitas vezes, avilta esse corpo feminino, o desgasta, o explora ao limite, sendo o desejo ressignificado pelo discurso religioso canalizado para o atendimento da vontade soberana de Deus. Essa discussão nos leva ao próximo e último ponto.



Figura 7: Fala da Mulher na erótica divinizadora do corpo feminino como forma de acolher o afeto negado pelo homem<sup>136</sup>.

### *Medo e delírio religiosos como práticas de subalternização*

Afirmo, na primeira seção do artigo, que Shiko produz uma narrativa visual, através dos desenhos, em planos narrativos não lineares: a conjunção entre imaginação, delírio e factual se entrelaçam de forma muito preponderante na HQ. Na figura 08 a seguir, temos um exemplo disso: o fato do artista não trabalhar com sarjetas<sup>137</sup> mais delimitadoras, reforça a conjunção afirmada: a fala do pregador incitando/provocando (no sentido de exacerbação de desejo) a mulher a reagir a um possível ato de assassinato do marido representa os conflitos religiosos, por hipótese, em uma de suas arenas preferidas de manifestação desse conflito: a dissolução entre o real e o imaginário mediados pelo delírio, o desejo e o medo.

<sup>136</sup> Fonte: Shiko. *Lavagem*. São Paulo: Mino, 2015.

<sup>137</sup> Apenas uma observação: na teoria das histórias em quadrinhos as sarjetas (ou “calhas”) são signos, em diferentes estilos e formas, que delimitam o espaço entre um quadro com o desenho e outros quadros na sequência narrativa. “Quadros” ou “Vinhetas” ou “Molduras”, por sua vez, são as áreas – em diferentes formatos geométricos (os mais comuns são os quadrados e retângulos) – onde é formada a imagem/desenho. Cf. POSTEMA, 2018.



Figura 8: As imagens quase sobrepostas entre a mulher, porcos e o “homem de Deus”: narrativa dinâmica entre o desejo e o medo<sup>138</sup>.

A religião, ao mesmo tempo que reprime os corpos, realoca o desejo. No caso da HQ, a liberdade desejada pela jovem mulher, oprimida por esse hegemonismo sexista que diviniza o masculino, volta a ser controlada pelo discurso do medo e da desconfiança imposto pelo homem religioso.

Em um primeiro momento a arte não parece problematizar maiores detalhes da dimensão mais estrutural, essencial para entender o capitalismo racista e sexista que também afeta as produções artísticas. Afinal, tudo parece ser insinuado como algo que ocorre na psique do indivíduo-mulher. Por outro lado, parece que a narrativa visual quer propor esse convite: deixar a leitora e o leitor nessa fronteira entre o fato e o imaginado. Assim, na análise da HQ, depreende-se que uma leitura pelo viés dos estudos de subalternidade e decolonialidade (pelo menos a modo de F. Vêrges), a religião, tal como representada na HQ, é indutora de violência quando não interseccionalizada com outras dimensões da vida social. O “homem de Deus” representa essa indução: leva a mulher a romper com certa lógica de violência (a dominação realizada por Omar – o “não crente” que não tem ouvidos para a “palavra de Deus”) mas à custa da manutenção da violência: a mulher mata o “companheiro”, esquarteja-o e lança seus pedaços aos porcos. O corpo de Omar transmuta-se em um devir-lavagem para simbolizar não a sua história, mas o percurso histórico de dor e silenciamentos de mulheres, nesse caso, amplificados por mentalidades e práticas religiosas. Porém aqui há o risco, na HQ, de se fazer uma redução da análise à psique do indivíduo, em um subjetivismo exacerbado. O fato da mulher agir de forma violenta, por um lado, pode reforçar o estigma de que tudo se “resolve” no plano da catarse

<sup>138</sup> Fonte: Shiko. *Lavagem*. São Paulo: Mino, 2015.



individual, como se fosse uma patologia da mente de um indivíduo, o que só faz reforçar o circuito de violência uma vez que pode, no plano da conjunção entre a realidade e o delírio, estimular outros estigmas às mulheres como “loucas” e “desvairadas”. Até mesmo a possível justificativa de que a mulher agiu sob o impulso, a coerção, a provocação de desejos “divinos” feitas pelo líder religioso, cria uma vitimização deslocada da realidade que só reforça a dominação masculina: seja para o bem ou para o mal, a mulher só é protagonista como fala segunda a uma fala primeira masculina.

Por outro lado, a HQ convida a problematizar um tema fundamental em sociedades com forte história (neo)colonial: a violência doméstica contra a mulher e seus fatores religiosos. Isso não é de menor importância. Na figura 8 acima há uma associação entre religião e medo: ao mesmo tempo que afirma a possibilidade da liberdade ao trazer a palavra de Deus para a mulher, o pregador estimula e amplifica o terror da mulher ao dizer que os porcos não são alimentados há dias e que Omar irá matá-la e transformar sua carne em lavagem para os animais. Na representação do desenho percebe-se a preocupação e medo no semblante da mulher, as imagens dos porcos como se monstros fossem a devorá-la, a ponto dela indagar para o pregador: “Quem é o senhor?” A resposta a essa questão traduz-se em metanarrativas: o delírio, o próprio Deus, o horror, a insegurança, a expectativa da liberdade? Na realidade, a pergunta da mulher pode traduzir a linha tênue entre realidade e delírio, a perda da possibilidade de perceber o real uma vez que essa mesma realidade se mostra muito dura e violenta. O delírio, nesse caso, é coletivo, é uma construção social subalternizadora: a HQ leva ao limite a violência masculina sob a forma do desafeto do silêncio e sob a forma religiosa de um excesso de fala/pregação que só faz estimular realidades “alternativas” que criam o delírio de um precário empoderamento através da permanência da violência. Por isso, ao fazer a crítica, é possível pensar na mulher-protagonista como um campo narrativo determinado por múltiplas variáveis que incluem problemas do psiquismo individual. Porém, para além deste, a HQ convida a compreender e refletir os modos de construção social e simbólica que sustentam as múltiplas violências em suas diferentes dimensões e estruturas, destacada a religião e seu impacto, muitas vezes, de reforço e não de autêntica libertação de estruturas de dominação, principalmente quando se trata de dramas e violências contra mulheres.

## **Conclusão**

Alguns outros temas podem ser elencados para a devida problematização. A HQ é muito rica nesse sentido. Mas nesse breve texto é preciso encaminhar as considerações finais. O título atribuído a esse artigo é uma provocação intertextual à Bíblia, no Evangelho de Marcos 5.11-13, onde o personagem Jesus expulsa uma legião de “espíritos imundos” de uma pessoa e, em seguida, esses mesmos “espíritos” possuem os corpos de porcos que, alucinados e em delírio, precipitam-se no abismo. Na primeira página da HQ a narrativa começa com a mulher dizendo ao seu “companheiro” que vai à Igreja. Na última página, ao ser perguntada pelo funcionário do barco que fazia a travessia pelo mar, se iria à Igreja, a jovem (repite, ela nunca é nomeada com nome próprio na HQ) responde: “Não”. A narrativa quadrinística, toda ela é uma “lavagem”. Aqui o termo ganha força metafórica muito grande: em um

sistema neocolonial, muitas vezes práticas religiosas reforçam a dominação patriarcal e transformam as mulheres, suas corporalidades, em “lavagem” para alimentar os “porcos” do “sistema-mundo capitalista” de herança euro-americana colonial/patriarcal (GROSFOGUEL, 2012) : elas são construídas como “suja”, “resto”, sendo-lhes impostas um devir onde o que sobra é o “chiqueiro”, o não-lugar. Por outro lado, “lavagem” pode significar o horizonte de mudança, de resistência e despojamento/limpeza dessas situações materiais e simbólicas de dominação. A HQ joga com elementos sócio-culturais que permitem situar a leitora e leitor nessas ambiguidades. A narrativa existencial e social da jovem mulher é uma “lavagem”: ela faz o seu “devir-porco”, ou seja, diante de contextos de subalternidade e de neocolonialismos racistas, sexistas e patriarcais quem, de fato, nos possui? Quem nos converte em “lavagens”, principalmente quando se trata de mulheres negras e empobrecidas desse país? Será que a “legião de demônios/espíritos imundos”, para voltar ao texto bíblico, não é a própria religião organizada a nos possuir e subalternizar? Em situações de profunda opressão e violência sofrida não é melhor o risco de se lançar no abismo do que a “segurança” do planalto religioso/colonial? Essas são algumas inquietações que provocam a continuidade das pesquisas como tema das relações entre representações religiosas e histórias em quadrinhos.

Por fim, a epígrafe deste artigo, na Introdução mostra, nas palavras do filósofo B-C. Han, que a arte precisa manter sua performance “perturbadora”, ou seja, ser o lugar do desconforto, da confrontação. A HQ “Lavagem” cumpre com esse lugar: marcada pela contradição, pelo estranhamento e pela não-conformidade, talvez, com lugares que familiarizam e “naturalizam” o que deveria ser denunciado como lugar de profunda violência, exploração e opressão: a subalternização produzida por práticas religiosas que constroem histórias de dominação sobre as corporalidades femininas. É difícil para o autor deste artigo, homem hétero-cis, compreender e ser afetado pelas mais profundas dimensões de dor na subalternização imposta à maioria das mulheres, principalmente empobrecidas, desse país. É um exercício constante de (auto)crítica aos privilégios dados por uma sociedade machista e sexista. Se a arte serve para desinstalar e promover desconfortos, que sirva para motivar muitos homens, na condição de pesquisadores, seja em Ciências da Religião e Teologia, bem como em outras áreas, a assumirem essas aprendizagens e diálogos perturbadores com a arte. Não é pouca coisa e é muito necessário.

## Referências

- BARBIERI, Daniele. *As Linguagens dos Quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2017.
- BÍBLIA. Português. *Almeida Revista e Atualizada*. Bíblia On-line, 2023. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/ara>.
- CARTA CAPITAL. *Igrejas Evangélicas e a violência doméstica, um tema urgente*. 2022. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/igrejas-evangelicas-e-a-violencia-domestica-um-tema-urgente/>
- DE CERTEAU, Michel. *A Fábula Mística*. Séculos XVI e XVII. Volume I. São Paulo: Gen/Forense Universitária, 2015.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Templos evangélicos crescem 228% em duas décadas e dominam cena religiosa.* 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/12/templos-evangelicos-crescem-228-em-duas-decadas-e-dominam-cena-religiosa.shtml>.

GROSGOUEL, Ramón. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. *Periferia*, 1(2). Disponível em: <https://doi.org/10.12957/periferia.2009.3428>

HAN, Byung-Chul. *Sociedade paliativa*. A dor hoje. Petrópolis: Vozes, 2021.

HIGUET, Etienne A. Interpretação das imagens na teologia e ciências da religião. In: NOGUEIRA, Paulo A. de S. (Org.) *Linguagens da Religião*. Desafios, métodos e conceitos centrais. São Paulo: ANPTECRE/Paulinas, 2012.

IBGE. *Censo 2010: números de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião.* 2012. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>.

POSTEMA, Barbara. *Estrutura narrativa nos Quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2018.

SHIKO. *Lavagem*. São Paulo: Mino, 2015.

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o Subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

VERGÈS, Françoise. *Um Feminismo Decolonial*. São Paulo: Ubu, 2020.

VERGUEIRO, Waldomiro. *Pesquisa Acadêmica em Histórias em Quadrinhos*. São Paulo: Criativo, 2017.

VILHENA, Valéria C. *Pela Voz das Mulheres: uma análise da violência doméstica entre mulheres evangélicas atendidas no Núcleo de Defesa e Convivência da Mulher – Casa Sofia*. 2009. 152 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Faculdade de Humanidades e Direito, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

VITRALIZADO. *Shiko prepara terreno para final épico de tetralogia da vingança com Carniça e a Blindagem Mística – Parte 3: A Morte Anda no Mundo*. 2023. Disponível em: <https://vitalizado.com/hq/shiko-prepara-terreno-para-final-epico-de-tetralogia-da-vinganca-com-carnica-e-a-blindagem-mistica-parte-3-a-morte-anda-no-mundo/>

VITRALIZADO. *Lavagem: o curta que deu origem a HQ de Shiko está na íntegra na internet*. [2021?]. Disponível em: <https://vitalizado.com/cinema/lavagem-o-curta-que-deu-origem-a-hq-de-shiko-esta-na-integra-na-internet/>, no Link <https://vimeo.com/156740563>.

VITRALIZADO. *Papo com Shiko*. 2015. Disponível em: <https://vitalizado.com/hq/papo-com-shiko>.